

A importância do Teatro São Luís na efetivação do movimento cultural na São Luís da segunda metade do século XIX.

João Costa Gouveia Neto*

RESUMO: O Teatro São Luís está entre os três teatros construídos ainda no período colonial, no início do século XIX, e que ainda existe. Desde a sua inauguração em 1817, esse teatro figurou como o mais importante espaço de entretenimento, de criação de novas sociabilidades e de distinção social para as elites de São Luís, capital da província do Maranhão. Durante todo o século XIX, os eventos culturais que aconteciam no São Luís eram constantemente relatados nos jornais, mas para este estudo, deter-me-ei somente nos dois últimos quartéis do referido século. Assim, através das notícias relatadas nos jornais veiculados na São Luís do referido período, analisarei a importância que o teatro representou para a constituição de um gosto musical entre homens e mulheres que o freqüentavam, nas noites de récitas, naquele presente, tendo como suporte principal os jornais *Semanário Maranhense* e *A Flecha*.

PALAVRAS-CHAVE: São Luís; século XIX; teatro.

ABSTRACT: The São Luís Theater is still enters the three constructed theaters in the colonial period, at the beginning of century XIX, and that still it exists. Since its inauguration in 1817, this theater appeared as the most important space of entertainment, of creation of new sociabilities and social distinction for the elites of São Luís, capital of the province of the Maranhão. During all century XIX, the cultural events that happened in the São Luís constantly were told in periodicals, but for this study, I will only linger myself in the two last quartéis of the related century. Thus, through the notice told in periodicals propagated in the São Luís of the related period, I will analyze the importance that the theater represented for the constitution of a musical taste between men and women who frequented it, in the nights of you recite, in that gift, having as main support the periodicals *Semanário Maranhense* and *A Flecha*.

KEY-WORDS: São Luís; century XIX; theater.

São Luís, capital da província do Maranhão, nos idos da segunda metade do século XIX, estava imersa nas idéias de modernidade e civilidade que atravessavam o Atlântico nas bagagens e nas mentes dos jovens que iam estudar na Europa. Envolvidos como estavam nessas idéias de inovação, as elites queriam a todo custo construir nas províncias pequenos nichos de sociabilidades à moda européia.

Voltando às suas cidades de origem, esses filhos das elites entravam em choque com a realidade completamente diferente da vivenciada em terras do velho mundo. A partir de então,

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, da Universidade Federal do Piauí, sob orientação do Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA. Email: rairicneto@yahoo.com.br

passam a buscar alternativas para mudar essa situação pelo menos nos espaços onde teciam suas sociabilidades e desenvolviam seus negócios, pois “homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas estar aptos a mudanças em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças, procurá-las de maneira ativa, levando-as adiante” (BERMAN, 1997, p.94).

As elites ludovicenses queriam inserir-se nesse ideário e para isso tentaram a todo custo retaliar as ações dos pobres da cidade com a criação dos códigos de posturas municipais e maquiagem as práticas dos mais abastados da cidade que ainda estavam muito longe do almejado modelo francês de civilidade e modernidade, como escreve metaforicamente o jornal A Flecha, em edição de 16 de dezembro de 1879, número 26, p. 207:

Calculo Infalivel

Para calcularmos qual a distancia que separa o Maranhão de Paris, tomemos por base o som. Como muita gente não ignora, o som percorre 340 metros pouco mais ou menos por segundo no ar, na temperatura de 16 graus e sob a pressão de 76 centímetros. É fácil, pois saber a distancia em questão, se considerarmos que os Sinos de Corneville foram toados há mais de tres annos em Paris e só agora os ouvimos no Maranhão.

Um dos indicadores dessa civilidade almejada era a cidade ter um teatro, pois diferenciava do restante da sociedade os que o freqüentassem, e era símbolo de refinamento. Ter um teatro era um dos requisitos que uma cidade deveria apresentar para ser considerada moderna, como escreve Berman (1997, p. 146), “os bulevares representam apenas uma parte do amplo sistema de planejamento urbano, que incluía mercados centrais, pontes, esgotos, fornecimento de água, a Ópera e outros monumentos culturais, uma ampla rede de parques”.

Em São Luís essas mudanças estruturais não foram vivenciadas, como em outras capitais de províncias do Brasil, tais como, Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza, Belém e Manaus que tiveram sua paisagem urbana transformada à moda dos bulevares parisienses feitos por Haussmann. Mesmo com essa nova tendência “São Luís não perdeu a feição de uma cidade tipicamente portuguesa, em detrimento de um padrão urbanístico que pretendia lhe impor um mundo em linha reta” (CORREIA, 2006, p. 24).

Essa “necessidade”, baseada numa mentalidade à moda européia, que as cidades deveriam ter seu teatro, fora apresentada pelo governo português ainda no século XVIII, momento em que o Marquês de Pombal, então primeiro ministro de D. José I, manda editar alvará “aconselhando” seus súditos a terem um estabelecimento desse tipo, como diz Marques (1970, p.595):

Por alvará de 17 de julho de 1771 aconselhou o governo da metrópole “o estabelecimento dos teatros públicos bem regulados, pois que deles resultava a todas as nações grande esplendor e utilidade, visto serem a escola, onde os povos aprendem as máximas sãs da política, da moral, do amor da pátria, do valor, do zelo e da fidelidade, com que devem ser aos soberanos”.

Tendo por base essa determinação da Coroa Portuguesa o teatro da capital da província do Maranhão, São Luís, começou a ser construído em 1815 por iniciativa do português Eleutério Lopes da Silva Varela, associado a Estevão Gonçalves Braga, e inaugurado, como nos diz Marques (1970, p.596):

Em 1817, já muito adiantado em suas obras, foi este edifício aberto com o nome de União, recordando assim a união do Brasil com Portugal formando o Reino Unido. Foi no dia 1 de junho o primeiro espetáculo, representado por uma Companhia que Varela foi contratar em Lisboa, obtendo nessa ocasião do governo da metrópole o Aviso e 3 de setembro de 1817 concedendo a favor do teatro algumas loterias anuais [...].

É importante registrar que o primeiro teatro do norte/nordeste foi erigido em Salvador, capital da província da Bahia, inaugurado em 1812 e concluído em 1829, e denominado Real Teatro de São João e em seguida o de São Luís, denominado União, como já dissera, inaugurado em 1817. Este é um dado a ser considerado, pois cidades mais desenvolvidas do norte/nordeste brasileiro só terão teatros a partir da segunda metade e final do século XIX, e também porque o teatro continua imponente e podendo ser contemplado por quem caminha pela Rua do Sol, no centro de São Luís.

Para ratificar a informação dada anteriormente cito as datas de abertura dos teatros no norte e nordeste do Brasil: *Teatro Santa Isabel*, em Recife, capital da província de Pernambuco, inaugurado em 1850; *Teatro da Paz* em Belém, na província do Pará, inaugurado em 1878; *O Teatro Amazonas* em Manaus, inaugurado em 1896; *O Teatro Carlos Gomes*, localizado em Natal, Rio Grande do Norte, denominado posteriormente de Alberto Maranhão, abriu suas portas em 1898; *Teatro 4 de Setembro*, em Teresina, capital do Piauí, inaugurado em 1909 e o *Teatro José de Alencar*, em Fortaleza – Ceará, inaugurado em 1910, e como escreve Cacciaglia (1986, p. 81) ao tratar dos teatros construídos no Brasil:

A ópera lírica sempre foi gênero de grande sucesso no Brasil. Basta citar, entre outros, os teatros municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo e aqueles esplendidos templos, em nada inferiores aos teatros europeus, de que quiseram dotar-se, há cerca de um século, no auge de sua riqueza, as longínquas capitais da borracha: Belém do Pará (Teatro da Paz) e Manaus (Teatro Amazonas).

É evidente que o Teatro inaugurado em São Luís em 1817 não tem a grandiosidade de alguns dos teatros construídos posteriormente, mesmo sendo rico em ornamentos em sua parte

interna. Como foi uma iniciativa particular os recursos financeiros não foram suficientes para maiores luxos e também o embate travado com a igreja, representada naquele momento pela Ordem Carmelita, trouxe sérios problemas estruturais para o teatro ao longo do tempo, como dá notícia o Semanário Maranhense, em edição de 15 de dezembro de 1867, número 16, ao fazer uma retrospectiva da história do Teatro, na época denominado São Luís:

O terreno foi aforado, a obra começada, devendo o teatro dar a frente para o largo do Carmo, ficando cercado pelas ruas do Sol, e da Paz e pela travessa do Sineiro, quando os Rvm^{os} Carmelitas embargarão a obra, dando como pretexto o ser ante-religioso elevar-se ao lado de um templo sagrado, como a igreja de N. S.do Carmo, um templo profano como o teatro!

Após árdua batalha na justiça o árbitro da questão João Antonio Teixeira Tezinho, condenou Varella e Braga a edificarem o teatro com a frente para a Rua do Sol.

O teatro São Luís foi inaugurado na segunda década do século XIX, mas terá seu apogeu no que diz respeito à frequência de companhias líricas e artistas apresentando-se em concertos solo, durante os dois últimos quartéis do referido século, período do qual tratarei nas linhas seguintes.

Durante as pesquisas nos jornais¹ referentes à segunda metade do século XIX, as notícias relacionadas ao Teatro São Luís são constantes, pois no interior desse edifício eram realizados não só os espetáculos teatrais e musicais, como também a grande maioria das solenidades cívicas da província. Para este estudo darei mais atenção a dois jornais que circularam em São Luís, na segunda metade do século XIX que são: o Semanário Maranhense e A Flecha; sem deixar de recorrer a outros quando for necessário.

Tenho trabalhado com a idéia de que o Teatro São Luís fora crucial para a efetivação do gosto teatral e musical, e principalmente considerado sinônimo de refinamento, civilidade e modernidade que teoricamente a sociedade ludovicense apresentaria, pois como escreve Daou (2000, p.54):

O ritual de ir ao teatro oferecia à elite uma oportunidade de reconhecer a si mesma e aos comportamentos condizentes com as alterações por que a cidade e a sociedade passavam. Os frequentadores do teatro ao conferirem os gestos e trajes de cada um, nutriam a fantasia de civilização, de comunhão dos benefícios desta modernidade.

¹ Os jornais analisados pertencem aos acervos da Biblioteca Pública Benedito Leite, do Arquivo Público do Estado do Maranhão e do Arquivo do Tribunal de Justiça do Estado do Maranhão.

Os maranhenses tinham essa consciência da importância do teatro, no entanto, muitas vezes foram impedidos de frequentá-lo sob ameaça de grande número de pessoas virem a óbito durante uma récita, devido ao estado precário do prédio. Apesar disso, o redator do jornal expõe sua preocupação se o teatro fosse fechado, pois ficariam sem diversão, como noticiou o Publicador Maranhense, na sua edição de 31 de agosto de 1850:

PUBLICAÇÕES A PEDIDO

Finalmente fechou-se o theatro União d'esta cidade pelo seu ruinozo estado! Mil louvores ao Snr. chefe de policia que tal ordenou, por que a continuar da maneira por que ia talvez mui breve fossemos victimas de um desmoronamento, e ficássemos sepultados debaixo de suas ruínas, tendo de prantear a morte de um Pai – Irmão – Amigo...

Não nos iludamos, o theatro ameaça desabar n'um momento, visto que por vezes ali tem acontecido; e só quem for míope é que não verá claramente a inclinação dos camarotes que é tão sensível que só a grande falta de divertimentos nesta cidade fazia com que o publico comparecesse ali – e arriscasse tão inconsideravelmente a sua existência.

E pois repetimos os nossos louvores a quem mandou fechar o theatro, porque d'est'arte, nos livrou de tão eminente risco. Resta agora que se cure de reparar convenientemente esse edificio para que possam continuar os espectaculos; o que nunca poderá ser se não daqui a 3 ou 4 annos !!... Mas daqui até lá em que nos divertiremos? ... Dicant Paduani.

Mas a música voltou a soar no São Luís através das companhias líricas que aportavam no Maranhão, como escreve Jansen (1974, p. 47- 48):

Depois das obras terminadas, a casa foi ocupada pela companhia dramática portuguesa de Antonio Luis Miró que conforme se dizia, era autor de óperas, óperas-cômicas, comedias e cerca de trinta anos antes, fora ensaiador de canto no Teatro São Carlos de Lisboa do qual era o primeiro pianista.

Afiançamos que o teatro foi importante para a efetivação do movimento artístico como um todo em São Luís, por ser o único lugar de grande porte onde as companhias líricas podiam montar espetáculos grandiosos como geralmente são as óperas compostas de cenário, coro, orquestra e atores. Maria Helena Franca Neves (2000) ao analisar as mudanças ocorridas na Bahia após a construção do Teatro São João e a difusão da ópera como estilo musical dominante e feito para agradar uma pequena parcela das pessoas que ali compareciam, escreve:

A história da ópera moderna, ou teatro lírico na Bahia, [ou em São Luís] reflete a própria história cultural do século XIX, considerado o século áureo do teatro lírico, que se tornara uma diversão popular em quase toda a Europa, especialmente na Itália, Paris e Alemanha. No Brasil tornou-se uma paixão elitista” (NEVES, 2000, p. 157).

Em São Luís não foi diferente, tanto que os jornais publicavam quase toda semana, quando havia alguma companhia lírica na cidade, anúncio dos espetáculos que estavam previstos, como veiculou o jornal O Globo de 1853, na edição que circulou em 21 de maio, número 145, o seguinte anúncio de récita:

Teatro Nacional de S. Luiz

15ª Recita da Assignatura

Domingo 22 de maio de 1853

Depois da execução de uma agradável simphonia, pela Orchestra, subirá a scena a muito interessante e jocoza Comedia em 3 actos, ornado de canto (Opera Comica) composição do bem conhecido litterato, o Sr. Luiz Carlos Martins Penna, author do Juiz de Paz da Roça, Dilettante, Inglez, Inglez Maquinista etc.etc. que tem por titulo: O NOVIÇO.

Muzica arranjada e instrumentada pelo Sr. Sergio Augusto Marinho.

O nome só do author da presente COMEDIA, é bastante para demonstrar o quanto é ella interessante e jocoza, e a empreza abstem-se de dar ao Publico a mais leve idéia della, para lhe não roubar o prazer da surpresa.

Terminará o expectaculo com a bem conhecida comedia em 1 acto – O INGLEZ MAQUINISTA.

Os bilhetes achão-se a venda como é costume.

Começará ás 7 horas e meia.

De acordo com Maria de Lourdes Rabetti (2007) ao analisar a presença da música italiana na formação do teatro brasileiro, diz que foi grande a influência exercida pela música de cunho operístico vindo da Itália². O Imperador e sua esposa foram os principais incentivadores da ópera italiana e, por isso a “elite oficial, monárquica e burguesa, com seus projetos e realizações espetaculares, por meio de mecenato direto e favorecimentos, na Itália e no Brasil, garantiu a vinda de importantes companhias líricas e de prosa italianas [...], com passagem obrigatória pela Corte do Rio de Janeiro” (RABETTI, 2007, p.71).

O Maranhão, leia-se São Luís, também seguia essa tendência nacional de amor pela ópera italiana. As companhias líricas italianas também cantavam suas óperas no São Luís, como dá notícia o Diário do Maranhão, em 6 de novembro de 1857, p.4, de espetáculo dado pela Empresa Ramonda, no sábado dia 7 de novembro:

Representação extraordinária em beneficio da 1ª bailarina absoluta

VIRGINIA ROMAGNOLI.

Logo que principiar a tocar a orchestra aparecerá um novo pano de boca, pintado pelos insignes cenógrafos Venere e Monticelli, em obséquio particularmente à beneficiada, representando uma bela vista desta cidade.

² Sobre o contexto histórico da Itália e a vinda dos artistas italianos para o Brasil, ver também (NEVES, 2000, p. 159 – 160).

ÓPERA TROVADOR.

Finalizando com célebre dueto do 3º Ato.

No fim do 1º Ato terá lugar um novo passo a dois, a caráter, composto pela beneficiada.

LES DEBERDEURS

No fim do 2º Ato a beneficiada dançará o passo a caráter

A INGLESA

Em seguida a Sra. Maffei em obsequio a mesma cantará a cavatina da ópera

TRAVIATA

Música célebre do M. Verdi.

No fim do 3º Ato a beneficiada dançará o passo a caráter

GITANA

Com uma nova vista pintada pelo bem conhecido cenógrafo o Sr. Venere, em obsequio à mesma.

A beneficiada, penhorada extremosamente pelas tantas provas de benignidade e simpatia que o publico maranhense lhe tem compartilhado, espera neste dia ver coroado seus esforços, de que desde já ficará sumamente agradecida.

Principiará às 8 horas.

Jansen (1974) escreve sobre o teatro São Luis e a marcante passagem da companhia lírica italiana do empresário José Maria Ramonda:

Segundo a tradição oral e resenhas da imprensa sabemos que foram grandes momentos na vida do teatro, em São Luís. Isto porque, numa conjugação de esforços do governo, dos capitalistas e a participação do público, conseguiu-se trazer ao Maranhão uma companhia lírica de alto gabarito (JANSEN, 1974, p.72).

O Semanário Maranhense possuía duas colunas que tratavam dos espetáculos realizados no São Luís, denominadas *Revista Theatral* e *Chronica Interna*. Nessas colunas os redatores geralmente usavam pseudônimos, porque julgavam a atuação de todos os artistas envolvidos no espetáculo. No número 25, do dia 16 de fevereiro de 1868, comenta o espetáculo dado pela companhia francesa do Sr. Noury:

A compahia franceza, levando a scena uma das mais applaudidas composições do repertório da Opera- Comique, testemunhou o grande desejo que tem de agradar ao publico maranhense. O Chalet, essa obra prima de Adam, foi ouvida com justificado interesse, por isso que é uma opera rica de inspiração, de harmonia e de sciencia muzical.[...] A sua execução em nosso teatro correo como não era de se esperar, seja isto dito sem offensa dos artistas. N'estes casos a surpresa é que serve de elogio.

Pietro de Castellamare

Através das crônicas do Semanário Maranhense também é possível saber como estava a cidade naquele presente, pois o autor da coluna geralmente comentava fatos que aconteciam fora das portas do Teatro, prática que dificulta a decodificação das informações, pois ao resumi-las existe o risco de perder o tom jocoso, irônico, emotivo que fazem parte da escritas desses colunistas, e ao mesmo tempo não há como transcrever em um artigo crônicas de quase duas páginas, dado a riqueza de detalhes, como se verifica, na do dia 14 de junho de 1868, número 42:

O inverno e o teatro estão rivalizando de zelo nas saudades da despedida. Quazi que se não faz outra couza entre nós senão ver a chuvas e as representações do S. Luiz. Como dois velhos, que são, o inverno e o teatro converteram-se em duas crianças chorosas. O primeiro derrama tonéis de lagrimas sem sal, que só produzem rheumatismo; o segundo expreme uma lagrimas salgadas de philantropia, que só produzem dores de cabeça nos recebedores de bilhetes.[...].

F. Reinard

Por essa notícia é possível ainda verificar que esse foi um período de grande movimentação no São Luís, visto que, o redator da notícia compara a quantidade de chuva com as apresentações líricas dadas no teatro da capital maranhense.

Assim como o Semanário Maranhense, o jornal A Flecha também se ocupava das apresentações dadas no Teatro São Luís, no entanto, o tom que os redatores deste periódico usavam para descrever e julgar se a apresentação do espetáculo fora boa era mais direta e abrasiva que os do Semanário, como é possível ler na notícia veiculada, no volume 2, número 46, 4ª série, do dia 9 de outubro de 1880:

THEATRO

Exigir do chronista alguma cousa sobre Os Milagres da Virgem apparecida equivale a dizer-lhe: troque a penna por uma bengala e dê bordoadas de cego. Effetivamente e peça que tem atrahido ao S. Luiz S. Luiz em peso, nenhuma face apresenta pela qual se torne digna de recommendação. Como obra teatral, nada mais inútil, mais pernicioso, mais estúpido. Pôr no palco cousas sobrenaturaes, milagrinhos ridículos e inadmissíveis é fazer o povo ignorante recuar muitas léguas nas trevas da ignorância e consideramos criminosos o autor e o empresário que praticam semelhante attentado e cúmplices as autoridades que o toleram. A parte milagrenta, os Milagres são uma estopada indigesta que transporta para o Brazil,

felizmente povoado depois de cheio o Kalendario, os tempos felizes em que os santos apareciam e os cachorros traziam lingüiças ao pescoço. A Flecha sente um pesar indescritível em não conhecer de perto o feliz autor d'essa monumental obra dramática. Quizeramos abraçá-lo por aquelle portentoso achado da santa pescada e pela habilidade com que embrulhou o seu enredo de forma tal que será um milagre comprehendel-o alguém.

Continuando a tratar do movimento do teatro São Luís, A Flecha apresenta a seguinte nota sobre o trabalho dos artistas da companhia do Sr. Sampaio durante o espetáculo, na edição do dia 21 de setembro de 1880, volume 2º, número 44:

As artistas do grupo provisório já eram nossos conhecidos, excepção do Sr. Eduardo Alvares – uma novidade, e o do Sr. Silva – uma nulidade de faces rubicundas e vícios de pronuncia. O Sr. Eduardo possui certas qualidades boas que chamam a atenção – boa presença, um todo sympathico, um metal de voz doce e commovente principalmente quando chora, porque o choro é a sua melhor habilidade artística. Desgraçadamente estas qualidades são obscurecidas pelos senões seguintes: Uma fraqueza natural da larynge que não lhe consente erguer a voz ao diapasão exigido nas scenas violentas, nos transportes, nas exaltações e nas exclamações: um acanhamento que o compromette toda a vez que é necessário o jogo rápido, largo, o movimento desembaraçado: uma cantilena desagradável, uma toada uniforme no final de cada phrase. N'estas condições e demais a mais contrascenando com collegas que o não auxiliam, a primeira figura do grupo provisório do Sr. Sampaio fica abaixo da expectativa.[...]

Binocolin

Sobre o desempenho dos artistas na peça *Jorge Montanhez*, também apresentada pela companhia do Sr. Sampaio, escreve A Flecha, em 30 de setembro de 1880, volume 2º, numero 45:

[...] Ao Sr. Antonio não sabemos de que, e que desempenhou a parte de Pedro, os nossos cumprimentos pela boa disposição que revelou para a scena. Bôa compreensão do personagem, entonação apropriada, gesto soffrivel, tudo isto revelou no seu pequeno papel o Sr. Antonio, no grão compatível com a sua pouca pratica. Desejamos que o novo actor tome esta nossa opinião na sua verdadeira intenção – como incentivo e não como elogio. A Flecha já mais de uma vez tem tido ensejo de saudar os esforços de d. Rosa da Silva. Da execução que a jovem actriz deu ao papel de Diana de Rione transpareceu estudo, appliação, força de vontade e intelligencia. Nutrimos uma esperança sincera de fazer um dia n'estas nossas chronicas theatraes a consagração final do talento de d. Rosa como artista consumada. [...]

Binocolini

Assim, através das constantes notícias dadas não só pelos jornais *Semanário Maranhense* e *A Flecha*, mas pela grande maioria dos periódicos que circulavam em São Luís naquele presente, os espetáculos, sendo eles bons ou ruins, que aconteciam na capital da

província do Maranhão, tinham como palco o Teatro São Luís, por ser a única casa de espetáculos de grande porte que a cidade dispunha e principalmente porque para as elites e os demais que se faziam presentes nesses espetáculos, não importava o que estava sendo apresentado – o importante era estar no teatro, ser visto no teatro, e assim tecer suas sociabilidades.

Referências

A FLECHA (1879-1880)

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CACCIAGLIA, Mário. **Pequena história do teatro no Brasil** (quatro séculos de teatro no Brasil). Tradução de Carla de Queiroz. São Paulo: Edusp, 1986.

CORREIA, Maria da Glória Guimarães. **Nos fios da trama: Quem é essa mulher?** Cotidiano e trabalho do operariado feminino em São Luís na virada do século XIX. São Luís: Edufma, 2006. (Coleção de Teses e Dissertações).

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

GOUVEIA NETO, João Costa. **No palco da cidade: música, civilidade e sociabilidade na São Luís da segunda metade do século XIX**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, (Monografia de Licenciatura em História), 2006.

JANSEN, José. **Teatro no Maranhão**. Rio de Janeiro, 1974.

MELLO, Luiz de. **Cronologia das artes plásticas no Maranhão (1842 – 1930)**. São Luís: Lithograf, 2004.

NEVES, Maria Helena Franca. **De la traviata ao maxixe** (variações estéticas da prática do Teatro São João. Salvador: SCT, FUNCEB, EGBA, 2000.

SEMANÁRIO MARANHENSE (1867 – 1868).

RABETTI, Maria de Lourdes. **Presença musical italiana na formação do teatro brasileiro**. In: ArtCultura: Revista de História, Cultura e Arte, v. 9, n. 15, 2007. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História. (p. 61 – 81).